

O CEGO BARTIMEU E A PASTORAL DO ESPETÁCULO

José Luiz Gonzaga do Prado

Resumo

Analisa a cena do cego Bartimeu (Mc 10,46-52). Numa sociedade do espetáculo, dos projetos faraônicos e do consumismo, os indivíduos acabam por assumir essa ideologia em suas próprias vidas. José Luiz destaca que o nome desse cego pode significar “filho da honra/glória”. Portanto, alguém fanático pelo prestígio, pelo aplauso, pela vontade de brilhar, colocar-se em evidência. Ele é cego “porque não vê o outro, não enxerga outra coisa que não a própria glória; é mendigo porque vive mendigando aplausos; está sentado porque não anda, não dá um passo, nada faz que não sirva para a própria glória; e está à beira do caminho, porque fica à margem da história”. Esse cego, numa leitura do contexto no qual se insere esta perícopes, seria uma projeção dos discípulos de Jesus, que estão sujeitos às tentações propostas por essa sociedade. A libertação das pessoas é passar a “ver”, a enxergar o Messias que está diante delas. Foi isso que se passou com Bartimeu.

Palavras-chave: Cego. Bartimeu. Glória. Honra. Discípulos. Ver.

Abstract

The present text analyzes the healing of Bartimaeus presented in the Gospel quote of Mk 10, 46-52. In a society of spectacles, of pharaonic projects and consumerism, individuals tend to assume this ideology as a lifestyle. Gonzaga highlights that the name of this blind man could mean “son of honor/glory”, presenting in fact someone hungering for prestige and applause, willing to stand out, to be put at the very center of reality. He is blind “because he can’t see the other, he does not see anything but his own glory; he is a beggar because he is always looking for applause; he is seated because he won’t walk, he does nothing but that which feeds his own glory; he is at the edge of the path for he is currently lying at the edge of history itself”. This blind man, inside the context of the whole gospel quote, would be a projection of the disciples of Jesus, who suffered the temptations presen-

ted by that society. People's liberation requires "seeing" the Messiah who stands in front of them. That is precisely what happened to Bartimaeus.

Keywords: *Blind. Bartimaeus. Glory. Honor. Disciples. To see.*

Não se pode negar que vivemos numa cultura do entretenimento, de grandes espetáculos, grandes eventos, e também de obras faraônicas. É consequência da época das comunicações, da globalização, do pensamento único e da competição desenfreada.

Isso não deixa de ter influência na pastoral da Igreja. O que a mídia aplaude são os grandes eventos religiosos, os espetáculos grandiosos (a celebração da morte de Jesus transformada em *show*) e as grandes obras (se não construímos estádios, construímos igrejas cada vez maiores e mais ricas) que se tornam também um espetáculo. E obras, espetáculos e eventos movimentam fortemente a economia. Só por isso, já merecem o aplauso dos senhores deste mundo.

O nosso propósito

Pretendemos apenas encontrar no episódio de Mc 10,46-52 uma luz para entendermos e nos situarmos diante dessa realidade. É claro que não vamos lê-lo fora do seu contexto nem a partir de uma ingênua curiosidade histórica¹.

Aliás, já disse Bento XVI no final do n. 19 da *Verbum Domini*:

“Quando esmorece em nós a consciência da inspiração, corre-se o risco de ler a Escritura como objeto de curiosidade histórica e não como obra do Espírito Santo, na qual podemos ouvir a voz do Senhor e conhecer a sua presença na história”.

Não queremos, portanto, encontrar solução para as divergências históricas entre os sinóticos nem explicar, corrigir ou justificar as incoerências narrativas de Marcos. É no texto de Marcos, apoiados até mesmo nas incoerências narrativas, que vamos encontrar o que essa estória significa, queremos ver como ela nos mostra o olhar do Senhor sobre a nossa história.

Bartimeu, o nome

Só Marcos dá nome ao cego e traduz: “Bartimeu, filho de Timeu”. É indício de que o nome tem significado e que esse significado tem a ver com o todo da estória.

1. Vi um autor que cria todo um drama da ocasião em que o homem teria ficado cego, outro se pergunta e raciocina para dirimir a questão se era apenas um cego como aqui em Marcos, ou se eram dois como diz Mateus.

Alguns autores procuram uma palavra hebraica ou aramaica que possa dar sentido ao nome. Alguns encontram a raiz *tm* com a letra *tet*², manchar, ou impuro, impureza. Bartimeu seria, então, filho da impureza, impuro³. O texto grego de Marcos, porém, não usa a letra *theta*, mas a letra *tau*. Além disso, a ideia de impuro ou impureza pouco acrescenta ao significado da estória. No aramaico temos a raiz *tmh*, que significa admirar, espantar-se, ou coisa admirável, espantosa. Bartimeu seria, então, filho do espetacular, do maravilhoso. Não encontrei quem queira interpretar assim.

Prefiro, com J. Mateos e F. Camacho⁴, ver aí um nome híbrido: *bar* do aramaico e *timaios* do grego. *Timaios* para o leitor grego lembra naturalmente *timé*, honra, glória, prestígio. A desinência *aios* é característica dos adjetivos gentílicos como *galilaios* galileu. Assim *Timaios* significaria algo como honreu, honrense ou gloriense.

Já *filho*, no linguajar semita, não é somente quem nasceu de alguém, mas é também discípulo, partidário, indivíduo de um grupo, de uma categoria, de uma classe e, até mesmo, o merecedor ou destinado para alguma coisa. Bartimeu, filho da honra ou do gloriense, seria, então, o partidário da honra, o destinado à honra, o fanático pelo prestígio, pela glória, pelo aplauso, quem só pensa em brilhar e se acha a coisa mais linda do mundo.

Nesse sentido, o bartimeu, o filho da honra, aquele que é fissurado no próprio prestígio, o pavão da velha metáfora, é cego e mendigo e está sentado à beira do caminho.

É cego porque não vê o outro, não enxerga outra coisa que não a própria glória; é mendigo porque vive mendigando aplausos; está sentado porque não anda, não dá um passo, nada faz que não sirva para a própria glória; e está à beira do caminho, porque fica à margem da história.

O contexto mais amplo

O episódio encerra a etapa do caminho para Jerusalém, para a cruz, e aponta para a etapa seguinte, a do confronto final em Jerusalém. A etapa do caminho foi iniciada também em seguida a uma cura de cego, a do cego de Betsaida.

O episódio do cego de Betsaida é difícil e complicado para quem se preocupa com o histórico, o factual, mas é muito rico para quem busca o significado, o recado que ele dá.

2. Assim translitera Delitzsch em seu Novo Testamento Hebraico.

3. Ou “filho do impuro” como quer Ched Meyer (p. 341).

4. MATEOS, J. ; CAMACHO, F. *Marcos Texto e Comentário*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 255.

A aldeia de pescadores de Betsaida havia recebido de Herodes os foros de cidade helenística e simbolizava, portanto, a imposição do pensamento único, da cultura globalizada, que cega.

Para curar o cego que morava em Betsaida, Jesus o toma pela mão e tira da aldeia cidade. Após os primeiros gestos de cura, ele, que talvez nunca tenha visto nem homens nem árvores, diz: “As pessoas parecem árvores andando”. Ainda confunde gente com coisa. Só depois passa a enxergar claro e à distância. E, totalmente curado, Jesus manda que ele vá para casa dele⁵, proibindo-o de entrar na cidade⁶.

A casa em Marcos frequentemente⁷ simboliza a comunidade, corresponde à “Igreja que se reúne na casa de...” em Paulo. A casa é o grupo de discípulos, a comunidade iluminada pela palavra de Jesus, enquanto que a cidade helenística é a cultura globalizada.

A etapa do caminho que agora se inicia é, então, a de abrir os olhos aos cegos. Pouco antes, ao final da etapa da Galileia (8,18), Jesus havia dito aos discípulos: “Tendo olhos, vós não vedes, tendo ouvidos vós não escutais”. Agora é preciso aprender a escutar e a ver.

O Caminho começa com a profissão de fé de Pedro: “Tu és o Messias!” Pedro parece estar vendo claramente, pois o “título” do livro de Marcos é este: “Início da Boa notícia do Messias Jesus”. Só que, quando o Evangelho era escrito, os líderes revoltosos tinham partido da Galileia para Jerusalém, seguidos de um bom número de discípulos e, como fez João de Gíscala, também eles, inclusive com uma entrada triunfal em Jerusalém, estavam se proclamando o Messias, o rei ungido, o Filho de Davi.

Jesus ralha, chama a atenção dos discípulos, para que não digam que ele é o Messias. Ele não é o messias glorioso que esperavam e que esses outros pretendiam ser. Em seguida, passa a falar da sua próxima paixão. Ia falando tudo aberta e claramente. Pedro se mostra cego e passa a ralhar⁸ com Jesus. Jesus, então, é que ralha com Pedro: “Pra trás de mim, satanás!” Deixa de ser um empecilho no meu caminho (um satanás) e segue-me!

Diz em seguida para a multidão e para os discípulos que quem quiser segui-lo tem de saber renunciar a si mesmo, deixar de lado a própria pessoa e os próprios interesses e pegar a cruz da coerência que leva à perseguição e à morte.

5. Esse ‘dele’ é ambíguo: de Jesus, ou do cego? Se a casa é a comunidade, qualquer interpretação é válida.

6. Se ele morava em Betsaida, como poderia ir para casa sem entrar na cidade? Muitas traduções procuram corrigir a incoerência histórica do Evangelista, dizendo que Jesus apenas o “despediu” e não que “mandou para casa”. Mesmo assim, por que proibir entrar na cidade?

7. É onde Jesus fala a sós com os discípulos.

8. O mesmo verbo *epitimaō* é empregado nos três lugares.

Esses dois grupos, discípulos e multidão, estarão com ele por todo o caminho. Em alguns momentos os doze terão destaque.

Em seguida vem o episódio da transfiguração. Aqui o destaque é de Pedro, Tiago e João. Antecipadamente e em figura, eles veem a vitória de Jesus, veem a Lei e os profetas conversando com Jesus, mas nada enxergam. Pedro fala nas três tendas, colocando Jesus no mesmo nível de Moisés e Elias.

A voz do céu lembra a mesma voz de Deus no Batismo de Jesus, onde, com o complemento “no qual está o meu pleno agrado”, faz alusão mais clara aos Cânticos do Servo de Javé (Is 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). A voz do céu manda ouvir o que Jesus diz, não ficar surdos a ele. E é do Messias Servo Sofredor que Jesus fala na etapa do caminho. É a essa fala que os representantes dos doze devem dar ouvidos.

Em seguida vem o caso do menino epilético ou do “demônio surdo-mudo”. A surdez que impede falar é como a cegueira que impede caminhar. “Tendo olhos, vós não vedes, tendo ouvidos vós não escutais”. Destaca-se no episódio o grito do pai do menino: “Eu creio. Ajuda minha falta de fé!”

Caminhando logo depois através da Galileia, Jesus ensina reservadamente os discípulos. É o segundo anúncio da paixão. Os discípulos não entendem bem a fala de Jesus, mas ficam com medo de perguntar. Talvez Jesus vá confirmar o que eles não estão querendo aceitar...

Em casa, Jesus pergunta o que eles conversavam pelo caminho enquanto ele falava da sua paixão. Ficam mudos, pois estavam surdos, vinham discutindo exatamente o oposto, qual deles seria o maior. A mentalidade do carreirismo estava presente entre eles. Jesus, então, sentado, dá a lição especificamente aos doze: “Quem quiser ser o primeiro seja o último, o empregado de todos”.

João, um dos Doze, entra em cena, dizendo ter proibido alguém de curar em nome de Jesus. A ideia de posse e de propriedade se faz presente. Mas Jesus o corrige afirmando: “Não proíba, aquele que não está contra nós está a nosso favor”.

Segue uma fala de Jesus sobre o escândalo dos pequenos e a tentação dos pés, mãos e olhos, que significa a cobiça. Jesus continua o caminho seguido da multidão que ele instrui. Os fariseus trazem a questão da Lei, que autoriza o marido a repudiar a esposa e Jesus fala da indissolubilidade do matrimônio.

Trazem crianças a Jesus, mas os discípulos querem impedir. É oportunidade para Jesus dizer que o Reinado de Deus pertence aos pequenos. Retomando Jesus o caminho, vem o rico cair-lhe aos pés para perguntar o que deve fazer para adquirir a vida eterna. A resposta de Jesus: dar tudo para os pobres para depois segui-lo não o agrada e ele vai-se embora triste, porque tinha muitas propriedades.

Jesus olha em volta para os discípulos e diz: “como é difícil um rico entrar no reinado de Deus!” Os discípulos se admiram e Jesus insiste com a metáfora do camelo e da agulha. Os discípulos se admiram mais ainda e Jesus diz que se para

o ser humano é impossível, para Deus não é. Pedro fala daquilo que eles deixaram e Jesus promete cem vezes mais nesta vida e, na outra, a vida eterna.

O contexto próximo (10,32-45)

A direção do caminho é cada vez mais clara, agora já se fala de Jerusalém, onde estão os inimigos de Jesus e onde lhe espera o confronto e a cruz.

Até aqui temos em torno de Jesus a multidão, os discípulos, que parecem não se identificar simplesmente com os Apóstolos e os Doze. Agora aparece mais um grupo, o dos que seguem Jesus.

As traduções que dependem da tradução brasileira da Bíblia de Jerusalém identificam os que admiram ou se espantam, com os que seguem Jesus, os que têm medo. O texto grego, porém, é claro e assim é traduzido por todos os outros, inclusive pelo original francês da Bíblia de Jerusalém. Os três primeiros grupos, a multidão, os discípulos e os Doze, literalmente Mc 10,32: “estavam no caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia à frente deles. Eles estavam admirados⁹, entretanto, *os que seguiam* estavam com medo¹⁰. Convocando de novo os Doze, Jesus começou a falar-lhes das coisas que estavam para lhe acontecer”. Quem seriam esses que seguiam? Não parecem simplesmente se identificar com a multidão nem com os discípulos nem com os Doze, que estavam todos admirados ou maravilhados com o fato de Jesus tomar a frente no caminho para Jerusalém. Os que seguiam tinham medo.

É o terceiro anúncio da paixão. O primeiro anúncio parecia dirigido só aos discípulos, mas Jesus fala também à multidão e é para todos (8,34-37) que ele tira a conclusão: “Se alguém quer vir atrás de mim, negue-se a si mesmo...” Aí Jesus só fala da rejeição do Filho do Homem pelas autoridades do povo judeu e da sua morte e ressurreição.

O segundo (9,31) é dirigido explicitamente aos discípulos, que, entretanto (*de*), iam discutindo quem deles seria o maior. Jesus já não fala da rejeição, mas da entrega “aos homens” (o Império?) que o matam, mas ele ressuscita. Quando se assenta para ensinar, porém, a lição que Jesus dá é aos Doze: “Quem quiser ser o primeiro seja o último, o empregado de todos”.

O terceiro anúncio é dirigida e exclusivamente aos Doze. É mais completo. Esclarece o significado da subida para Jerusalém, onde Jesus será en-

9. PEREIRA Isidoro. *Tambo* é a mesma palavra utilizada para falar da admiração dos discípulos quando Jesus diz: “como é difícil para o rico entrar no Reinado de Deus”. Aqui o sujeito é indefinido, parece ser o aplauso dos discípulos e da multidão que, como torcida, não entra em campo.

10. E quem não tem medo da cruz?

tregue (por quem?) às autoridades judaicas, que o entregarão aos gentios e diz que nele se realizará plenamente o que está nos quatro Cânticos do Servo de Javé.

Entram em cena os filhos de Zebedeu. Com Pedro, são eles os mais destacados entre os Doze, estiveram na montanha da transfiguração e ouviram a voz do céu dizer-lhes para dar ouvidos ao que Jesus dizia. Jesus está falando clara e explicitamente da sua paixão, mas os dois interrompem-lhe a fala, dirigindo-se a ele (não ‘aproximando-se’ como costumam traduzir) para pedir os dois primeiros lugares, quando ele chegasse à sua glória¹¹.

O evangelista, como diz o povo simples da roça, “está batendo na cangalha para o burro entender”, está falando das destacadas figuras do grupo dos Doze para falar dos destacados dirigentes eclesiais de hoje, quando o Evangelho está sendo escrito. A cangalha são os doze e o burro são os dirigentes eclesiais atuais de quando o Evangelho está sendo escrito. Queira Deus o burro entenda!

Os dois falam de glória, é o que lhes interessa. Se Jesus vai brilhar eles querem brilhar ao lado dele. Não enxergam, porém, aquilo que estão pedindo, não veem que, para Jesus, a palavra glória pode ter outro sentido, como terá no Evangelho de João. Jesus lhes pergunta se serão capazes de acompanhá-lo no cálice e no batismo de sangue e eles respondem sem pestanejar que sim. O que lhes interessa é o brilho, a glória.

Os outros dez não querem ficar por baixo, eles também querem aparecer, querem brilhar, por isso ficam indignados contra os dois irmãos. Jesus, então, chama a atenção dos Doze e suas palavras merecem um comentário mais detalhado. Não nos esqueçamos de que o Evangelho, falando dos Doze, “está batendo na cangalha para o burro entender”.

“Vocês sabem” – não é preciso que eu lhes diga, basta abrir os olhos que vocês mesmos têm – “que os que pensam ou que parecem ser os principais das nações, as dominam com tirania”. ‘*Oi dokountes*, os que pensam ou parecem – mas de verdade não são – comandar (*arxein*), ser o principal, o chefe das nações (*tôn ’etnôn*) das nações, não do Povo de Deus, no Povo de Deus as coisas são diferentes. Impõem-se (*katakryriéuousin*) como senhores de cima para baixo, tiranizam o povo, como também seus grandes impõem sua autoridade de cima para baixo (*kateksousiátsousin*).

Jesus continua: “Entre vocês não deve ser, não pode ser, não é assim! Ao contrário, quem quiser ser grande no meio de vocês, em vez de impor sua autoridade de cima para baixo, seja o empregado dos outros; quem quiser ser o primeiro, em vez de tiranizar o povo, seja o escravo de todos”, não de alguns apenas. Se, acaso, for assim, se reproduzir o mesmo modelo dos reis das nações, então, podemos concluir, não é mais a organização dos discípulos de Jesus.

11. Mateus poupa os dois dizendo que foi a mãe deles que fez o pedido a Jesus. Lucas, para quem os Apóstolos nada fazem de menos edificante, simplesmente omite o episódio.

E ele conclui: “pois este filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida como resgate por muitos”.

Os Doze parecem cegos, não veem que o caminho não é o dos considerados principais ou grandes deste mundo, mas é o do Messias crucificado Jesus, o caminho do serviço (*diákonos*) e da submissão total (*doulos*) ao bem de todos. Jerusalém está perto e é preciso abrir os olhos.

O episódio conclusivo (10,46-52)

Jericó é a última cidade antes de se chegar a Jerusalém. Estamos na reta final da caminhada, agora só falta a subida, chegar ao alto do morro onde fica a cidade, onde se verá o confronto de Jesus com as autoridades que o levam à cruz, que será a sua glória. Jericó é apenas uma passagem. Ali, segundo Marcos, Jesus apenas entra e sai da cidade, sem realizar nela qualquer atividade.

Pode ser significativo também o fato de Jericó ter sido a primeira cidade conquistada pelos filhos de Israel conduzidos por Josué (Jesus) e Jerusalém ter sido a última, conquistada por Davi.

Jesus sai de Jericó para subir a Jerusalém, saem também os discípulos e razoável multidão. Na saída da cidade, no início da clássica subida, está o filho de Timeu, Bartimeu, cego, mendigo, sentado à beira do caminho.

Em Lucas o cego está à entrada da cidade e não tem nome; em Mateus são dois cegos sem nome também, que estão à saída da cidade. Tudo isso vem reforçar nossa interpretação da figura do cego e de seu nome como metáfora da cegueira dos Doze. Isso não caberia bem em Mateus e muito menos em Lucas, que simplesmente omite tudo o que possa denegrir a imagem dos Apóstolos.

Lembro o que já disse no início: Bartimeu parece ser um nome híbrido, aramaico e grego e, assim, significaria filho da honra, partidário, do lado da glória, interessado apenas no seu brilho e prestígio pessoal, apaixonado por si mesmo como todo narciso.

Sem dúvida, era o que o evangelista começava a notar já na segunda geração de discípulos, os dirigentes das comunidades cristãs deixando-se encher de vaidades e admitindo espírito de competição e de carreirismo. Não é de estranhar que, quase mil e novecentos e cinquenta anos depois, o Papa Francisco ainda tenha que sair a campo para combater esses mesmos males.

O Filho da Honra, o narcisista, é cego, só vê o próprio brilho; É mendigo de aplausos, fica sentado, sem dar um passo à frente, e está à beira do caminho, a história passa e ele fica como espectador.

Tendo ouvido que era Jesus o Nazareno, o humilde profeta popular que saíra da desprezada Nazaré, terra de gente revoltada contra a opressão do Império,

profeta que já se tornara famoso, o cego Bartimeu começa, então, a gritar: “Filho de Davi, Jesus, tem piedade de mim!”

Jesus, na mente ainda confusa do Bartimeu, começa a subida para Jerusalém acompanhado de tantos discípulos a fim de realizar a esperança popular de recuperar o poder dos romanos. Primeiro, antes do nome, a modo de título, não de aposto como é frequente na Bíblia (Davi, rei; Jeremias, profeta) o cego diz ‘Filho de Davi’, dando-lhe o título do rei-messias esperado por tantos. Mas, como o pai do menino com demônio surdo-mudo, ele pede ajuda a Jesus, é cego, mas quer enxergar, “tem piedade de mim!”

Muitos o mandam calar. Por quê? A maioria dos autores consultados cala, comenta outros detalhes e nada diz sobre esse. J. Mateos e F. Camacho¹² interpretam que esses muitos que tentavam proibi-lo de clamar significam a maioria que não queria que ele recorresse a Jesus, antes, que continuasse com sua ideologia de um messias glorioso. Esses muitos seriam a maioria, que não quer abrir os olhos.

Penso que a resposta poderia também ser encontrada na linha do Evangelho de Marcos, a do segredo messiânico. Cuidavam para que Jesus não fosse confundido com João de Gíscala ou outros revolucionários galileus que, quando o Evangelho está sendo escrito, também estavam se apresentando como o esperado e glorioso “Filho de Davi”.

O fato é que o apelativo “Filho de Davi”, em que o cego insiste, mostra que ele é mesmo cego como os Doze e que ainda pensa em Jesus como o messias-rei glorioso e não como o servo sofredor de Isaías. Jesus não é filho, é senhor de Davi (Mc 12,35-37). Antes disso, porém, como Jesus vinha dizendo desde a profissão de fé de Pedro, ele é o Servo de Javé, que vence, sim, mas com a humildade e a coerente resistência aos mais injustos sofrimentos. Na transfiguração a voz do céu já mandava ouvi-lo, mas até agora os Doze estão surdos e cegos.

De qualquer forma, como o pai do menino possuído pelo demônio surdo-mudo clamava: “Eu creio, mas ajuda minha falta de fé!”, o cego Bartimeu também pede a Jesus que tenha pena dele. Ele se dirige a Jesus como ao popular messias glorioso, mas pede que tenha pena dele, que cure a sua cegueira. Ele ainda não vê, mas não é o pior cego, ele quer ver.

Jesus para e manda chamá-lo. Vale a pena interromper a caminhada para que o cego possa abrir os olhos. Ele é chamado: “Coragem! Levanta-te! Ele te chama!” Tenha a coragem que está faltando aos Apóstolos, deixa de ficar sentado, parado, inativo, apenas esperando, levanta-te, vamos em frente, é Jesus que te chama para segui-lo nesse caminho! O chamado de Jesus exige tudo isso, que parece estar faltando aos nossos dirigentes de hoje, quando o Evangelho está sendo escrito.

12. Tradução e comentário. São Paulo: Loyola, 1990. MATEOS, Juan J.; CAMACHO, Fernando. *Evangelho, figuras e símbolos*, p. 257.

Bartimeu joga fora o seu manto. O manto era a peça de roupa mais importante de uma pessoa, tanto que não podia ser tomado como garantia de um empréstimo. Em toda a Bíblia significa sempre a própria pessoa e o que ela tem de melhor. O manto estendido para que o rei passasse por cima era sinal de submissão da pessoa ao rei. No Lava-pés Jesus tira o manto dando a entender que entregava a sua vida, depois veste novamente o manto para dizer que retoma a sua vida. “Ninguém tira a minha vida, eu a dou por mim mesmo e a retomo novamente”. Assim, Bartimeu começa a enxergar, pois joga fora o seu manto, é capaz de doar a própria vida.

“Pulou de pé e foi até Jesus”. Nunca ouvi falar que um cego tenha pulado, nem que caminhasse sem um guia, seja apenas a bengala. O que o Evangelho nos diz é que ele não ficou mais sentado, mendigando à beira do caminho. Foi capaz de pôr-se de pé de um pulo e de caminhar sozinho até Jesus. Já não está inativo, conformado com sua situação, nem à margem, pulou para o caminho, tomou iniciativa e saiu em busca de Jesus.

Jesus lhe pergunta o óbvio: “Que queres que eu te faça?” É o óbvio, mas Jesus pergunta, é preciso perguntar, é preciso que ele se expresse, que tome consciência de sua situação, que saiba dizer do que precisa. Será o passo fundamental de sua cura, se eu não sei o quanto sou cego, como posso abrir os olhos? “Que queres que eu te faça?”

Muitas traduções dizem “que eu recupere a vista”, entendendo que o verbo grego *'anablepô* só significa ‘ver novamente’, quando o sentido principal do verbo é olhar para o alto como faz Jesus antes de partir o pão, ou simplesmente olhar, lançar os olhos, abrir os olhos, começar a enxergar, como o cego de nascença do capítulo 9 de João.

‘Recuperar a vista’ serve bem para quem se preocupa com o histórico, com o factual, com a cura, o milagre, o espetaculoso. Já nos referimos a um autor que, certamente para levar o leitor à compaixão pelo cego, fantasia o sofrimento dele com a doença, que não ousou diagnosticar, que o teria levado à cegueira. Não! Bartimeu quer apenas abrir os olhos, deixar de ser cego, ver que messias é Jesus. Só isso e tudo isso¹³.

Jesus completa: “Vai em frente, a tua fé te salvou!” Não simplesmente te curou. Bartimeu já jogou fora o seu manto, pulou de pé e foi até Jesus, já reconheceu que precisa começar a ver, o passo essencial foi dado, já está salvo. Sua cegueira não era apenas um problema físico do qual um ato maravilhoso, um milagre, poderia curá-lo, não, era uma cegueira moral que o impedia de seguir Jesus pelo caminho da cruz até chegar à ressurreição. A sua fé, sua vontade de curar-se dessa cegueira o salvou.

13. Ouvi numa homilia (conversa) em uma pequena comunidade: “Nem que a gente vivesse mais duzentos anos, não chegaria a entender completamente o significado da morte de Jesus!”

“Vai em frente!” Três vezes no nosso contexto ocorre o imperativo singular *‘úpage*, logo após a resistência de Pedro ao primeiro anúncio da paixão, dirigido ao rico que queria seguir Jesus, e aqui. Ocorre mais cinco vezes em outros contextos. Para Pedro Jesus diz *‘úpage ‘opísô mou*, que poderíamos traduzir: “passa para trás de mim”, satanás. Para o rico que queria segui-lo é simplesmente “vai” dispor de tudo o que tens, dar para os pobres. Em outro contexto, semelhante ao nosso, Jesus diz para a mulher curada da hemorragia: *‘úpage ‘eis ‘eirénen* “vai em paz (uma despedida) e fica curada da tua doença”. Aqui interpretamos “vai em frente”, segue o caminho escolhido.

“E ele foi seguindo Jesus pelo caminho” termina o episódio. Bartimeu, o fanático pela honra, agora não é mais bartimeu, não enxerga mais apenas o seu prestígio, a sua pessoa, não é mais cego, nem mendigo de aplausos, apaixonado por si mesmo, já não está sentado à beira do caminho, abandonou seu manto, sua própria vida, tudo o que possuía de melhor, e pulou de pé, começou a ver o que é ser discípulo, está pronto a seguir o caminho da cruz. “E foi seguindo Jesus pelo caminho!”

Um trajeto

Bartimeu, tal como a maioria, vê Jesus, o discipulado e a missão como poder e glória, por isso ele chama Jesus de Filho de Davi, o esperado rei poderoso. Não é fácil pensar diferente, se é assim que pensa a maioria. Como diz o Papa Francisco, é preciso remar contra a corrente, viver e agir contra a maneira de pensar e de agir da maioria e, para tal, nem todos se sentem preparados. Quase todos preferem continuar calados e cegos. A maioria não quer que Bartimeu o faça, mas ele pede que Jesus tenha piedade dele e que o livre da sua cegueira. É um primeiro passo, começa a reconhecer que precisa de ajuda para se livrar da cegueira.

Quando Jesus chama é preciso ter coragem, coragem de tomar iniciativa, de começar a agir, o que a Bíblia expressa com o verbo levantar. “Levanta-te!” A gente diria: “Vamos!” Este segundo passo é decisivo, já envolve uma atitude corajosa, a de abandonar o manto, deixar de lado as tradicionais seguranças, reconhecer que a causa é maior do que a gente mesma e que por ela vale a pena sacrificar tudo, até a própria vida. Em seguida, pular de pé, deixar de ficar sentado, estático, parado, apenas esperando que os outros venham a mim. Mais ainda, é ir até Jesus que caminhava na direção da cruz.

Há um terceiro passo, é tomar plena consciência da própria cegueira. “Que queres que eu te faça?” – “Senhor, que eu veja!” Desde o primeiro passo, isso já estava implícito, mas Jesus perguntou, fez com que ele falasse, reconhecesse explicitamente a sua cegueira, reconhecesse que o glorioso Filho de Davi que ele imaginava não correspondia ao Jesus que caminhava para o confronto final em Jerusalém, para a Cruz. Mais que o ouvir, o falar é que conscientiza. Lembram o Papa Francisco perguntando aos jovens: “O casamento está fora de moda?” To-

dos aqueles que responderam “Não!” reforçaram sua convicção na seriedade do compromisso matrimonial. “Senhor, que eu veja!” Eu estou cego, não estou vendo, quero ver, preciso ver o que é ser discípulo de Jesus que sobe para Jerusalém, onde o esperam os inimigos e a cruz. “Tua fé te salvou!”

“E ele foi seguindo Jesus no caminho”. É o resultado final, ir atrás de Jesus no caminho para Jerusalém, para a cruz. Embora a maioria não pense assim, embora a maioria não queira isso, contra a corrente, a glória é a cruz, e estar ao lado dele na glória é mergulhar no mesmo batismo, beber do mesmo cálice. A glória do Senhor ressuscitado, do Filho de Deus sentado à direita do Pai está apenas no horizonte, lá onde o céu se une à terra.

José Luiz Gonzaga do Prado
Rua Quinze de Novembro, 370
37860-000 Nova Resende, MG
e-mail: zedadonana@gmail.com

Bibliografia

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (I)*. Tradução e comentário. São Paulo: Loyola, 1990.

MATEOS, Juan J.; CAMACHO, Fernando. *Evangelho, figuras e símbolos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MATEOS, Juan J. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.